



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

PESSOA E PROMESSA EM PAUL RICOEUR: NO CAMINHO DAS INSTITUIÇÕES JUSTAS

Roberto Roque Lauxen*
(UESB)

RESUMO

O trabalho apresenta um breve percurso histórico do conceito de pessoa e da promessa em Paul Ricoeur, em textos de períodos diferentes do seu pensamento, observando certa continuidade de ritmo e os distanciamentos que apontam na direção da abordagem da pessoa de *Soi-même comme un autre*. Procuramos mostrar como o autor reintroduz a problemática da pessoa no marco narrativo e ético-moral do si-mesmo e o papel que joga a promessa na constituição da pessoa a partir de onde introduzimos os fundamentos da reflexão sobre as instituições justas.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Ricoeur. Pessoa. Promessa.

INTRODUÇÃO

Em diferentes momentos históricos Ricoeur manifestou ao mesmo tempo sua dívida e seu distanciamento em relação ao personalismo de seu mestre Emmanuel Mounier, do qual nunca se separou verdadeiramente. Não seria exagerado dizer que *Soi-même comme un autre* é a resposta mais elaborada que Ricoeur pode oferecer a este tema da pessoa, que ele sempre reclamou de seu mestre, ser carente de uma análise conceitual mais rigorosa. Um dos últimos trabalhos em que Ricoeur se dirige diretamente ao personalismo de Mounier, «Meurt le personnalisme, revient la personne» (1983), carrega uma convicção

* Doutor em Filosofia. Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Grupo de Pesquisa "Identidade, reconhecimento, memória e diferença". E-mail: rrlauxen@gmail.com.



muito antiga, como enuncia o título, de que o personalismo está morto, tal como muitos “-ismos” que lhe foram contemporâneos ou lhe sucederam. Porém, reconhece na *pessoa* uma força poderosa que precisa “voltar” (*revient*) como sustentáculo dos debates éticos, jurídicos e políticos. Para Ricoeur é a manutenção da problemática da pessoa que possibilita a defesa dos direitos do homem, dos prisioneiros, e os casos difíceis de consciência, sua questão é esta: “como se poderia argumentar em cada um destes casos sem a referência à pessoa?” (RICOEUR, 1992, p. 198).

Examinando mais de perto algumas linhas de defesa de dois momentos específicos em que Ricoeur procurou compreender o conceito de pessoa, verificamos de fato certa continuidade de ritmo que “retorna” em sua própria abordagem, desde um de seus primeiros artigos que carregam a marca do personalismo «*Note sur la personne*» nos idos anos de 1936⁹⁹, até o artigo de 1983 que mencionamos acima. Estes dois artigos que analisaremos a seguir introduz vivamente a rede conceitual que terá um grande futuro em *Soi-même comme un autre* (1990).

No artigo *Note sur la personne* (1936) Ricoeur ao fazer a pergunta “o que é uma pessoa?”, responde, primeiramente, de forma negativa: mostra o que a pessoa não é. Ela não é suas forças biológicas que asseguram um equilíbrio vital relacionada ao *temperamento*; não é suas forças psicológicas: sistemas de hábitos, tendências, instintos herdados ou adquiridos, que prolonga o temperamento no *caráter*; por fim, ela não é produto de uma *mentalidade* que marca o caráter, produto de forças sociais anônimas. Essas três características apenas definem o que Ricoeur entende por indivíduo como nos diz: “eu denomino indivíduo o temperamento prolongado pelo caráter, coroado pela mentalidade” (RICOEUR, 1936, p. 438). É o indivíduo que é objeto da ciência, que é previsível através de seus efeitos, não a pessoa.

⁹⁹ RICOEUR, Paul. « *Note sur la personne* » ; *Le Semeur*, n. 7, Mai, 1936, p. 437-444.



Eu sou pessoa, nos diz Ricoeur, agora positivamente, pela noção de *ato*: “a pessoa é a que reivindica um certo ato, que se solidariza com este ato, assume as consequências, é responsável por ele” (RICOEUR, 1936, p. 439). O ato não pode ser apreendido de fora, mas “é ato para um agente, ou o que pode simpatizar interiormente com ele. A pessoa é Eu-mesmo (*moi*) e Tu-mesmo (*toi*) jamais *ele* ou alguém; o ato é *meu* ato, *teu* ato jamais *um* ato” (RICOEUR, 1936, p. 439, grifos do autor). Seguindo Gabriel Marcel, Ricoeur considera que ato e pessoa não são objetos, em vista disso, são irreduzíveis a qualquer consideração sistemática ou metafísica, não pode ser objeto de uma filosofia.

No mesmo sentido, ato não é duração, só o determinado está no tempo, é o caso das determinações do indivíduo que obedece às leis do temperamento, caráter, mentalidade; o ato se encerra no instante, não tem passado ou futuro, ele é posição pura, neste sentido ele exprime a “eternidade”.

Essas proposições não querem produzir uma separação entre indivíduo e pessoa, não pretendem lançar a pessoa numa separação dualista entre alma e corpo ao modo de Descartes, elas são apenas um recurso de distinção. Ricoeur introduz o conceito marceliano de “encarnação” para mostrar que a pessoa é um todo unificado, é carne, ao mesmo tempo vocação livre (que cria algo no mundo) e um corpo entre os corpos. O paradoxo da encarnação pode ser traduzida na frase de Rougemont “a pessoa é a impermeável encarnação da eternidade no tempo” (apud, RICOEUR, 1936, p. 441). A pessoa põe em falha a lei, ela torna a ciência apenas aproximativa. O determinismo radical significa que não existem mais pessoas agindo.

Por fim, a pessoa se manifesta pela vocação e pela responsabilidade. Ricoeur considera que as melhores consciências são aquelas que respondem ao apelo de uma utopia, de um mito, de um valor. Entender este apelo é ter uma vocação e responder a ele é tornar-se responsável, engajar-se, sendo suas ações testemunho de sua vocação. Afirma Ricoeur: “o ponto extremo do engajamento, do



testemunho, da responsabilidade, da vocação é o sacrifício: a carne se apaga na ordem visível diante da vocação” (RICOEUR, 1936, p. 443).

Neste texto da juventude, onde o homem Ricoeur (também o crente) se confunde com o filósofo, o cristão tem algo de essencial e subversivo a mais para acrescentar: “para criar, o cristão se deixa criar, para viver, ele se mortifica. Este que conserva sua vida a perderá” (RICOEUR, 1936, p. 443). A pessoa para Nietzsche e o estoicismo se fecha nela mesma em sua agressividade, a pessoa no sentido cristão “sabe que ela só possui isso que recebe de Deus e dá por amor a seu próximo”: é dom e tarefa. A pessoa encontra a finalidade de seu desapossamento não em si, mas em Deus.

No artigo comemorativo aos cinquenta anos da revista *Esprit Meurt le personnalisme, revient la personne* (1983) Ricoeur reconhece que o personalismo se vinculava a uma constelação cultural que tinha de um lado o marxismo e de outro o existencialismo, inscrevendo-se no meio desses sistemas como mais um “-ismo” e com uma formulação conceitual menos afortunada que seus pares, razão pela qual Ricoeur decreta sua morte. Pode-se ver nesta nova formulação – 47 anos após o primeiro artigo que acabamos de comentar – que Ricoeur não abandona a noção de “ato” pela qual ele define a pessoa, como não abandonará jamais. A pessoa é definida neste contexto por meio da apreensão cotidiana que se tem dela, através da *atitude* (Eric Weil), atitude-pessoa, ao contrario do eu, consciência ou sujeito. Ricoeur caracteriza a atitude-pessoa por um duplo movimento de crise e convicção. De *crise*, porque ela se percebe deslocada, sem lugar no universo e sem hierarquia estável dos valores para guiar suas preferências. De convicção, porque se no movimento da crise existe o intolerável, há a convicção como réplica da crise, através da qual me engajo e me comprometo com “o que é mais durável que eu”, “o intolerável me transforma [...] de expectador desinteressado, em homem de convicção” (RICOEUR, 1992, p. 200). Ricoeur retira algumas consequências desses dois movimentos da atitude-pessoa: a fidelidade no tempo, a que se vincula o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

engajamento, fidelidade a uma causa, “em razão da identificação do sujeito com forças transubjetivas” (RICOEUR, 1992, p. 200-201), que forja sua *identidade* (caráter) e a percepção da *diferença*, de conviver com a diferença, de amar os inimigos, que no plano coletivo significa “renunciar a sonhar com uma sociedade sem conflitos” (RICOEUR, 1992, p. 201). A pessoa como atitude é, portanto, identidade na diferença; aceitação da alteridade, da diferença na identidade, que pode ser remetido ao próprio título de *Soi-même comme un autre*¹⁰⁰.

O leitor não terá dificuldades para perceber algumas relações que saltam aos olhos nos dois artigos em relação a esta última obra (1990), que nos permite elaborar certo quadro comparativo e, ao mesmo tempo, defender a tese de que há uma profunda continuidade e manutenção e fidelidade da argumentação ricoeuriana às raízes remotas do personalismo de Mounier. Primeiramente a noção de “ato” e de atitude para definir a pessoa em oposição ao indivíduo; o ato, que define a pessoa, nesta obra, é a raiz ontológica da ipseidade, enquanto o indivíduo representa a mesmidade; Em seguida, a tensão que no texto de 1936 aparece como uma *propriété* da pessoa através do paradoxo da encarnação, em que o ato livre se encarna no tempo, e o *critério* de pessoa que aparece no artigo de 1983 nos termos crise e convicção. O conceito de crise, que tem relação com o tema possante do descentramento do sujeito, se vincula ao tema da encarnação (Marcel) no texto de 1936. A convicção nasce da percepção do intolerável de onde parte o engajamento que faz face à crise. No texto de 1936 Ricoeur utiliza o termo “vocação” para designar o engajamento a uma causa. Tomando esse conceito em seu sentido imanente e não religioso, podemos relacioná-lo à fidelidade a uma causa do texto de 1983 como “identificação do sujeito com forças transubjetivas” (RICOEUR, 1992, p. 200-201). Mas a diferença notável é o salto para o engajamento e a responsabilidade no texto de 1936, enquanto em 1983 a raiz do engajamento é a intolerância, tal como admitirá que a injustiça é a raiz da justiça ou a violência e o

¹⁰⁰ A contribuição mais elaborada que Ricoeur ofereceu ao tema da pessoa, que faz referência aos conceitos principais desta última obra, é o artigo « *Approches de la personne* » (1990).



mal é a raiz da moral. Ao nosso modo de ver, o transito entre a situação de crise, de perda da identidade e o engajamento será completada pela dimensão da *promessa* em *Soi-même comme un autre*. É verdade que a figura limite do intolerável não é à figura limite dos *puzzling cases* da identidade pessoal e narrativa, mas é uma figura analógica recorrente em seu pensamento e que na obra de 1990 aparece nos contornos do tema da identidade.

A utilização do termo “identidade” que se relaciona aos identificadores gramaticais ou lógicos (estudos um e dois) até à identidade pessoal (estudos cinco e seis), com larga tradição na filosofia inglesa desde Hume e Locke, tem relação com os novos parceiros que Ricoeur traz para o debate: a filosofia analítica da linguagem ordinária. Esta nova mediação de sua hermenêutica itinerante, que apostou na “via longa” do diálogo com polo explicativo para chegar à compreensão de si, apenas desenvolve o núcleo duro de sua convicção de base sobre o conceito de pessoa que se relaciona ao conceito de *ipseidade*.

Em 1936 Ricoeur menciona ainda que o ponto extremo do engajamento é o sacrifício, em que a carne se apaga (mortificação): o perde-se, o desapossamento de si por uma causa. É através deste sacrifício que o cristão tem algo a acrescentar, porque ele se deixa recriar, na medida em que ele se perde, daí nasce o dom e a tarefa. Notaremos logo a seguir como o tema do desapossamento do si se relaciona com o ato criador da promessa, que instaura a identidade ética face à crise e ao nada de ser si mesmo.

Ricoeur destaca ainda neste contexto que só compreendemos a pessoa pelos pronomes pessoais *eu* (moi) e *tu* (toi), que destaca a noção de ato e de ipseidade, e não pelo impessoal *ele* ou alguém. Devemos notar que Ricoeur não renuncia à noção de ato que está presente nas noções de “eu” e “tu”, mas mostra já desde os primeiros textos o caráter mediatizado. Pode-se dizer que o desenvolvimento desta noção de pessoa vai se solidificando a partir das diversas mediações que Ricoeur vai imprimindo à sua constituição e é através desse caráter



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mediador que ele vai gradativamente reconhecer a importância do papel do “terceiro”, do “ele”, seja na constituição de si mesmo através da identidade narrativa, seja na constituição da ética através do papel mediador da instituição na realização da “vida boa”.

De fato estamos diante do núcleo primitivo das investigações de Ricoeur ao tema do si, da identidade. Problemas que serão enriquecidos nas análises no novo nível de complexidade em que elas foram desenvolvidas em *Soi-même comme un autre*. É importante notar, nessa retomada histórica, duas questões que ao nosso modo de ver produzem certo distanciamento em relação àqueles textos. Primeiro, a necessidade da junção do “ele” na composição da identidade que será compreendida como identidade narrativa; segundo, a junção que Ricoeur estabelece do si com a responsabilidade mediatizada pela promessa. De fato nesta obra, como outrora, Ricoeur faz da imputação moral o grau mais elevado da questão da ipseidade. Nos textos que comentamos ainda não se percebe tão claramente o papel que a função narrativa poderia ocupar na própria constituição da responsabilidade, embora ela estivesse implicitamente presente através da fidelidade à *causa*, das identificações transubjetivas. Ao que nos parece são estas duas lacunas principais da noção de pessoa e seu caráter mediado que *Soi-même comme un autre* desenvolve através de um novo método de abordagem imprimida ao longo de todo o percurso dessa obra, o desvio da compreensão do si pelas ricas análises da linguagem ordinária, que ele herda da filosofia analítica.

Na definição de pessoa que acabamos de comentar, a partir de alguns antecedentes históricos, pudemos ver a origem do conceito de ipseidade. Ricoeur nunca perderá de vista esta perspectiva do *ato* na definição da ipseidade que prioriza o “eu” e o “tu”, mas ele sempre fez questão de ressaltar que uma filosofia do *ato*, de ser e existir, seguindo Spinoza e Nabert – tema recorrente de sua ontologia – se constitui pela mediação. É por isso que à altura de *Soi-même comme un autre* Ricoeur nos diz que não quer perder de vista “o benefício certo de visar a



pessoa como um terceiro”, por isso seu problema neste contexto é “compreender como o si pode ser ao mesmo tempo uma pessoa da qual se fala (ele) e um sujeito que se designa na primeira pessoa (eu)” (RICOEUR, 1990, p. 48, acréscimo nosso). A questão da mediação do “ele” para a determinação do fenômeno da ipseidade, adquire importância decisiva nesta obra de 1990, sem distanciar-se de seu texto da juventude. A diferença é que é com base na mediação do si que o problema do “terceiro” adquire relevância na determinação da ipseidade que é central para a explicitação do si narrativo e do si ético-moral. A ipseidade é a própria identidade pessoal que se constitui pelo ato livre, pela capacidade de autodeterminação, ou o que Ricoeur denomina de capacidade de se designar a si mesmo que coincide com a capacidade de se recontar ou se autointerpretar a si mesmo. O mais interessante é que o tema da *sociabilidade* ao qual se vincula o tema do “terceiro”, ou do pronome “ele” parece passar para o primeiro plano da análise do si.

No contexto dessa obra, Ricoeur compreende a antiga problemática com os recursos da análise da linguagem e da ação, através da força *lógica* da capacidade autodesignativa do sujeito. A pessoa é designada através dos pronomes e identificadores (semântica), ou através do ato de dizer que designa reflexivamente seu locutor (pragmática), ou ainda através da semântica da ação e da pragmática da ascrição. Em todas essas mediações se apresenta o problema central da ascrição, da imputabilidade que se dirige ao tema da responsabilidade. O significado dessas mediações é evitar o curto circuito da abordagem imediata do *cogito* e a via curta da ontologia da compreensão. A tarefa maior da hermenêutica ricoeuriana é articular dialeticamente compreensão e explicação, por isso o acesso explicativo ao problema do sujeito pelas ciências da linguagem.

Para Ricoeur o sentido da ipseidade se constitui na mediação, o sentido último da pessoa compreendida como ato, é que ela é *mimética*, se constitui como identidade narrativa. É através dessa função narrativa que o si pode se reconta a si mesmo. Através da identidade narrativa a pessoa não adere definitivamente aos



processos lógicos, mas se vincula a uma atitude singular sobre o mundo. É através do conceito mediatizado de identidade narrativa que Ricoeur retorna a seu texto da juventude.

Todas as mediações pelas quais Ricoeur empreendeu caminho na questão da ipseidade debruçavam-se sobre o problema central da ascrição, a partir do qual o problema da designação a si ou à pessoa é colocado: através dos pronomes e identificadores (semântica); do ato de dizer que designa reflexivamente seu locutor (pragmática); ou através da semântica da ação e da pragmática da ascrição da ação. É verdade que estas mediações procuravam evitar o curto circuito da abordagem imediata do *cogito* e a via curta da ontologia da compreensão.

Mas uma dimensão importante foi ocultada nessas análises – que compreendem os estudos de um a quatro de *Soi-même comme un autre* – e decisiva para que um si possa se designar a si mesmo: dimensão temporal da existência a partir da qual o si pode se recontar a si mesmo. Sem a perspectiva narrativa não há nenhuma experiência singular sobre o mundo, porque a capacidade de se designar a si mesmo coincide com a capacidade de se recontar ou se autointerpretar. A identidade de uma pessoa se realizada no fluxo temporal, as vidas humanas se tornam legíveis a partir das histórias que contamos a seu respeito.

A identidade narrativa está exposta às diferentes intrigas que podemos construir a seu respeito, tal como Jesus que pergunta a seus discípulos “Que dizeis que eu sou?”. Ricoeur considera a capacidade pré-narrativa do que chamamos vida, mas insiste que a vida é apenas um fenômeno biológico enquanto não for interpretada. Por esse motivo “a vida só se compreende através das histórias que contamos sobre ela, então podemos dizer que uma vida examinada (Sócrates) [...] é uma vida narrada” (RICOEUR, 2006, p. 20). É em relação a esta vida narrada e examinada que se põe a questão ética da identidade.

Com a oposição entre manutenção do si e o caráter Ricoeur procurou sublinhar a dimensão ética da ipseidade. Esta questão surge de modo mais radical



em *Soi-même comme un autre*, através da crise da ideia de identidade do personagem. O esvaziamento do caráter do personagem nas narrativas desconcertantes permitem a ele pensar a autêntica manutenção de si, onde a promessa, exerce um papel mediador, através do engajamento e das convicções que surgem a partir da crise da identidade.

O ato da promessa está no centro da esfera da decisão ética, ela se vincula a uma aposta de “vida boa” em relação ao nada de ser do relato em que o personagem está desidentificado. Para Ricoeur a desnudez da pergunta *quem?* sugere a ativa resposta “Eis-me aqui!”. A questão é, então, para ele, como manter no plano ético um si que no plano narrativo parece apagar-se. É aqui que *a promessa exerce a mediação entre narrativa e ética*. No fundo eu sou aquilo que mantenho, por isso podes contar comigo.

Ricoeur reconhece a fragilidade deste engajamento, pois o si situa-se “entre a humilde manutenção a si e o orgulho estóico da inflexível constância a si”. Isso significava para o autor que toda a posse de si sempre está sujeita a um desapossamento, porque a posse de si não é o que importa, eis o que aprendemos com Parfit e com a literatura desconcertante. Esse desapossamento é um convite para encontrar-se perdendo-se na relação com o outro, na alteridade. Vemos como estamos próximos das intuições centrais do texto de 1983.

A ética está em continuidade com a problemática do si e da ipseidade, é um dos modos de responder à questão *quem?* Ela é pensada não como um dever-ser desconectado do sujeito agente, mas é acrescentada aos aspectos linguísticos, práticos e narrativos das capacidades do si, assim, as “ações complexas” prolongadas pelas ações narradas possuem preceitos imanentes, dentre eles, alguns de caráter avaliativo e outros morais (ordem, obrigação). Por isso, Ricoeur mantém o mesmo método que balizou o discurso da ação da tradição analítica conjugando-a com as duas instâncias maiores do pensamento ético e moral do



ocidente, a ética teleológica de Aristóteles e a moral deontológica de Kant. De onde sua distinção entre o que é considerado bom e o que se impõe como obrigatório.

A distinção que Ricoeur faz entre ética e moral é sua contribuição original para a tradição da filosofia moral. A ética em sentido teleológico é, para ele, mais abrangente que a moral. É no contexto da ética e da moral que ele pensa o problema das instituições justas.

A estima de si ou “vida boa” objeto da ética só é atingida através da mediação da estrutura tripartida do predicado “bom” que vai da perspectiva da vida boa ao senso de justiça, passando pela solicitude. Se a estima de si escapa ao círculo solipsista, porque está mediatizada pela instituição e pelo outro, nada impede que o círculo da ética seja um círculo da violência legitimada, de que se possa gozar da “boa vida” justificando a escravidão do outro. É por isso que Ricoeur pensa ser necessário, cruzar o limite do optativo-avaliativo para a obrigação e a norma. A violência não é simplesmente menos desejada, uma opção, uma preferência, ela é o mal e o mal é algo que não deve existir. Por causa da violência o outro é projetado à frente das considerações éticas como vítima, como carrasco, como testemunha. Ou seja, porque há algo que não se pode tolerar, a moral deve ser prescritiva, e não somente avaliativa.

A norma aparece como uma mediação necessária da vida ética, nunca como solução definitiva dos dilemas práticos, porque não é possível atingir-se um *saber* sobre a prática. A moral reduplica a estrutura tripartida da ética, ela é regida pela ideia de autonomia, assim, “a ideia da pessoa como fim em si é tida como expressão dialogal dela, e o contrato é seu equivalente no plano das instituições”. Para Ricoeur a ideia de autonomia que é erguida sobre a renúncia da inclinação, reaparece através do constrangimento na obrigação. A ideia de respeito às pessoas não levava em conta os demais sentimentos morais como a compaixão, a vergonha, o pudor, a culpa, etc.; a ideia de humanidade, que não faz acepção de pessoas, é repensada por Ricoeur através da Regra de Ouro, que ultrapassa o plano em que o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

outro é apenas meu adversário ou agressor (moral), pela relação entre agente e paciente da ação, em que o outro é também a vítima de minha ação.

Do mesmo modo no plano da instituição ou da norma de justiça, que desde Rawls se constitui pela separação entre o legal e o bom, Ricoeur se reapropria criticamente da ideia de “convicções bem pesadas” daquele autor, tal como a Regra de Ouro, para poder pensar a sobredeterminação do campo ético sobre a moral, ou seja, a ideia de que o bem comum opera em conjunto com a norma de justiça.

Em virtude dos dilemas práticos, das situações-limite e do trágico da ação, a moral é conduzida para sua ultrapassagem, porque a moral de obrigação gera situações conflituais em que não temos alternativa senão recorrer à intuição inicial da ética. Ricoeur procura na sabedoria prática uma solução para os casos difíceis sem recorrer à arbitrariedade e ao relativismo.

O trágico da ação nos permite ver que os conflitos morais são permanentes, e nos alertam sobre os riscos do engessamento da norma moral. O trágico desorienta nosso olhar, e nos põe diante da necessidade do “deliberar bem”, do “pensar justo”, que “condena o homem da práxis a orientar de novo a ação com os seus próprios riscos e custos”, onde a *convicção* joga um papel decisivo. A *convicção* através do engajamento é a outra face da promessa. É assim que o *contar com*, no plano da responsabilidade, liga o conteúdo moral da manutenção de si ao princípio de reciprocidade fundado na solicitude. Portando, vemos fechar-se o circuito da promessa em torno de uma implicação mútua entre ipseidade, alteridade e sociabilidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERENCIAS

RICOEUR, Paul. « *Meurt le personnalisme, revient la personne* » (1983). In: _____. *Lectures 2. La Contrée des philosophes*. Paris: Seuil, 1992.

_____. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

_____. « Note sur la personne » ; *Le Semeur*, n. 7, Mai, 1936, p. 437-444.

_____. « La vida: um relato em busca de narrador ». *Ágora – Papeles de Filosofia*, 25, 2, 2006, p. 9-22.